


BRINCADEIRA: uma leitura sobre a violência e o racismo presentes na contística alveana da obra *Mulher Mat(r)iz*, de Miriam Alves

BRINCADEIRA: a Reading about Violence and Racism Present in Alveanas Storytelling of Mulher Mat(r)iz, by Miriam Alves

Autoria: Andressa Santos Vieira

 <https://orcid.org/0000-0001-7223-4621>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.180098>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/180098>

Recebido em: 17/12/2020. Aprovado em: 17/06/2021.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira


São Paulo, Ano 10, n. 18, jan.-jul., 2021.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

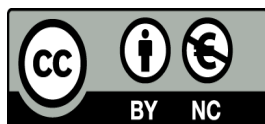
Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.  [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

Como citar (ABNT)

VIEIRA, Andressa Santos. BRINCADEIRA: uma leitura sobre a violência e o racismo presentes na contística alveana da obra *Mulher Mat(r)iz*, de Miriam Alves. *Opiniões*, São Paulo, n. 18, p. 371-387, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.180098>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/180098>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais

brincadeira:
uma leitura sobre a
violência e o racismo
presentes na
contística alveana da
obra *mulher mat(r)iz*,
de miriam alves

BRINCADEIRA: a Reading about Violence and Racism Present in the Short Stories of *Mulher Mat(r)iz*, by Miriam Alves

Andressa Santos Vieira¹

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2020.180098>

¹ Andressa Santos Vieira é Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários - PPLET/ILEEL/UFU, sob orientação da Profa. Dra. Cintia Camargo Vianna. Pesquisadora no Grupo de Estudos e Pesquisa em Poéticas Latinoamericanas e Afrodiaspóricas - YALODÊ GEPLAFRO e professora de Atendimento Educacional Especializado (PMU). E-mail: andressa_santos92@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7223-4621>.

Resumo

Esse trabalho, um recorte da dissertação de mestrado intitulada *CONTORNOS NEGROS: representações, limites e fluxos das personagens femininas negras na obra Mulher Mat(r)iz, de Miriam Alves (2021)*, busca promover algumas reflexões sobre a tessitura alveana na obra *Mulher Mat(r)iz (2011)*, refletindo sobre as (des)construções e as novas representatividades apresentadas por Miriam Alves ao longo de suas narrativas. Debruçados sobre alguns importantes teóricos, tais como Césaire (2010), Fanon (1980), Meneses (2010), refletimos as nuances das violências que são vivenciadas pelas personagens alveanas, especialmente por “Zinho”, que protagoniza o conto *Brincadeira*, narrativa na qual mergulhamos e refletimos ao longo do presente estudo.

Palavras-chave

Mulher Mat(r)iz. Contos. Violências. Tessitura alveana. Representatividade.

Abstract

This work, a section of the master's thesis entitled *BLACK CONTOURS: representations, limits and flows of black female characters in the work Mulher Mat(r)iz, by Miriam Alves (2021)*, seeks to promote some reflections on the Alvean weaving in the work *Mulher Mat(r)iz (2011)*, reflecting on the (de)constructions and the new representativities presented by Miriam Alves throughout her narratives. Based on some important theoreticians, such as Césaire (2010), Fanon (1980), Meneses (2010), we reflect on the nuances of violence that are experienced by the Alvean characters, especially by "Zinho", who stars in the short story *Brincadeira*, a narrative in which we dive and reflect throughout this study.

Keywords

Mulher Mat(r)iz. Tales. Violence. Tessitura Alveana. Representation.

introdução

Qualquer escritor é a fala do seu lugar. Mayakoviski foi a fala da revolução russa. Não estou dizendo que estou fazendo uma revolução. Mas EU SOU A FALA DO MEU LUGAR (ALVES, 2011, p. 20).

A palavra, escrita ou falada, pode alienar ou emancipar (AUGEL, 2015). Miriam Alves, mulher negra, intelectual, autora, prosadora, contista, romancista, por meio de uma tessitura de (des)construções, de emancipações e humanizações, é a fala de seu lugar. Essa figura, que descobriu o significado da palavra escrita em uma idade precoce, aos dez anos, integra uma geração de intelectuais e militantes do Movimento Negro que conquistou, ao longo dos anos, significativo espaço e reconhecimento de suas obras, extrapolando as limitações históricas, adentrando e ocupando os espaços ditos brancos, enegrecendo-os.

Miriam Alves integra uma geração de escritoras negras brasileiras que têm produzido textos literários interessados em marcar olhares que registram outras configurações para o corpo negro, rompendo com um silenciamento imposto historicamente às mulheres de origem afrodescendente dentro e fora universo ficcional. São vozes literárias que investem e buscam inscrever outras formas de escrita do corpo através de versos que surgem munidos de desejo, sedução e erotismo, cujas representações diferenciam os seus discursos poéticos das imagens e dos sentidos depreciativos disseminados em inúmeras produções da literatura nacional (SALES, 2012, SI).

Nesse sentido, os textos de autoria negra trazem à tona novas possibilidades e perspectivas para o corpo negro na literatura, não somente revelando, mas forjando, novas representatividades – positivas, desestereotipadas –, desvencilhando esses sujeitos das amarras dos discursos colonialistas, bem como das imagens negativas e estigmatizadas. Assim sendo, existe uma emergência pela legitimação e circulação dos discursos referentes à existência e resistência dessas produções, que valorizam os percursos, as trajetórias, os conceitos, as vivências e as subjetividades de mulheres e homens negros. Tomamos a obra *Mulher Mat(r)iz* (2011) como objeto de estudos por reconhecer, justamente, esse projeto ideológico comprometido com o enegrecimento dos espaços literários, com a valorização da intelectualidade negra e, ainda, com reflexões críticas sobre gênero, raça e classe, perpassando as violências e opressões que atravessam, forte e diretamente, as vivências desses sujeitos.

Propormo-nos mergulhar e desbravar o conto alveano *Brincadeira*, reconhecendo a potencialidade dessa narrativa, não somente pelas necessárias críticas sociais, mas por tensionar limites históricos condicionados aos sujeitos de cor: a negação à identidade, à intelectualidade, à humanidade. Temos, ao longo de

toda contística, uma escrita singular, cujo empoderamento prioriza e evidencia verdades, “nuas e cruas”, acerca de diversidades e complexidades que são, única e exclusivamente, experienciadas pelos corpos negros. Ao longo de toda leitura vivenciamos, juntamente às personagens, os tantos percalços, (des)encontros – sobre amizades, sobre amores, sobre sexualidades –, (des)afetos e violências que não somente atravessam, mas modificam, os trajetos e perspectivas das personagens.

Nesse sentido, partimos da ideia que são tortuosos os caminhos da literatura. Segundo Miranda (2019), trata-se de uma “encruzilhada de autorias” (MIRANDA, 2019, p. 11) pois, ao passo que emergem estudos e escritas de pertencimento, de uma Negritude (CÉSAIRE, 2010) consciente de sua intelectualidade, ainda existem insistentes tentativas de deslegitimações promovidas pela branquitude acrítica (MÜLLER; CARDOSO, 2018, SI). Assim, não podemos nos furtar de (re)pensar nas recorrentes representações históricas, profundamente negativas, sobre os corpos negros e o modo como, ainda na contemporaneidade, fazem parte do imaginário social. Tratam-se de sujeitos que ainda estão inseridos em um *locus* de subalternização social, que padecem pelas opressões e violências cujas motivações são tanto raciais quanto de gênero e classe.

Os estereótipos desfilam, em diversos textos, revelando traços degradantes e profundamente negativos, tais como da “mulher libertina/exótica”, representação da imoralidade que desperta o fascínio do homem, figura essa recorrentemente lida e tratada como um objeto de experiências extraconjugais, de aventuras e de desejo – representadas por “Rita Baiana” na obra *O Cortiço* (1890) de Aluísio de Azevedo, “Maria Olho de Prata”, da obra *João Abade* (1958), de João Felício dos Santos, *Gabriela, cravo e canela* (1958) de Jorge Amado, personagens tão reconhecidas quanto consagradas na literatura –, o “negro infantilizado”, caracterizado como serviçal, subalterno e intelectualmente incapaz, presente nas obras *O demônio familiar* (1857), de José de Alencar, *O cego* (1849), de Joaquim Manuel de Macedo, além de, novamente, “O cortiço” (1890), onde experienciamos, ainda, a animalização e desumanização da personagem “Bertoleza”. Essas imagens, construídas a partir dos interesses da elite brasileira, que disseminaram imaginários profundamente negativos e depreciativos sobre mulheres e homens negros, consistiam e consistem em um tendencioso racismo, que forjou e naturalizou concepções a respeito do comportamento, da própria identidade e da (des)humanidade negra.

Faz-se importante apontarmos tais imagens por reconhecermos que, a marginalização, a estigmatização e o silenciamento desses sujeitos no percurso histórico da formação ideológica, emitida e disseminada pela literatura, deixou-nos um profundo abismo sobre a real participação cultural, histórica e intelectual negra, restando-nos apenas produções oriundas de letrados que, enquanto porta-vozes das categorias dominantes, construíram ideologias que mascararam e ignoraram a presença e a existência das ditas minorias sociais.

Assim sendo, debruçamo-nos em autorias e referenciais de modo a compreendermos o modo como o conto *Brincadeira*, de autoria negra, feminina e de militância, ao passo que aguça reflexões acerca do racismo, do silenciamento e dos tantos preconceitos, também promove desconstruções de estereótipos e estigmas, possibilitando-nos (re)pensar o corpo negro para além das marcas sociais

de preterimento, de marginalidade e de passividade e, ainda, conduzindo-nos a uma trajetória de afetividade, de humanidade e de um autoconhecimento enquanto sujeito negro social.

das trajetórias às violências: uma leitura sobre os corpos negros na contística alveana

Mulher Mat(r)iz, obra de 2011, composta por onze contos, cuja autoria é negra, feminina, de militância e resistência, escrita por Miriam Alves, é um compilado de narrativas que nos envolvem por meio de sentimentos profundamente antagônicos, que transitam entremeio ao amor, ao ódio, às paixões, às solidões e a uma pluralidade de vivências, sentidas e sofridas por corpos negros. Cabe destacar o modo como a autora promove uma tessitura de pertencimento, de Negritude (CÉSAIRE, 2010), de humanidades e violências que são experienciadas, única e exclusivamente, pelos corpos negros. Nesse sentido, dialogando com Aimé Césaire (2010), pensamos essa escrita como um despertar, como uma atitude ativa de sujeitos construtores de suas próprias histórias e trajetórias.

De fato, a Negritude não é essencialmente de natureza biológica, [...] A Negritude, aos meus olhos não é uma filosofia. A Negritude não é uma metafísica. A Negritude não é uma pretenciosa concepção do universo. É uma maneira de viver a história dentro da história: a história de uma comunidade cuja experiência parece, em verdade, singular com suas deportações de populações, seus deslocamentos de homens de um continente a outro, suas lembranças distantes, seus restos de culturas assassinadas. [...] Vale dizer que a Negritude, em seu estágio inicial, pode ser definida primeiramente como tomada de consciência da diferença, como memória, como fidelidade e como solidariedade. Mas a Negritude não é apenas passiva. Ela não é da ordem do esmorecimento e do sofrimento. Ela não é nem da ordem do patético e da dor. Não é nem emoção nem dor. A Negritude resulta de uma atitude ativa e agressiva do espírito. Ela é um despertar, um despertar de dignidade. Ela é uma rejeição, e rejeição da opressão. Ela é luta, isto é, luta contra a desigualdade. Ela é também revolta. [...] (CÉSAIRE, 2010, pp. 82-83).

A tessitura alveana promove essa libertação dos corpos negros por meio dessa recusa a uma literatura de interdições, de estereotipizações e de limitações: tratam-se de personagens que afirmam suas identidades, que reivindicam, não somente, ao direito à existência, a ocupação, mas à afetividade, à liberdade, à sexualidade. Miriam Alves, por meio de um mosaico de histórias, (de)encontros e

duras críticas ao social, forja (novas) pontes e extrapola fronteiras históricas, negando-se a permanecer nas margens, realocando os corpos negros para além da subalternidade e do apagamento, dando-lhes protagonismo, humanidade e oportunidades.

Além disso, temos ao longo de todas as narrativas, uma pluralidade de violências que são projetadas sobre os corpos negros, violentar esse motivado, principalmente, pelo racismo, pela intolerância, pela indiferença. Ao refletir as tantas nuances das violências, a autora escancara, ainda, as imagens negativas forjadas pelos brancos sobre os negros, construção essa que se deu por meio da ideia do *Outro*: não-europeu, não-branco, não-humano, não-civilizado, que deve ser dominado, repreendido ou redefinido, como reitera Meneses (2010):

[...] mas a rejeição do Outro, combinada com a dominação, assume também outra forma: não tirar a vida do Outro, mas apenas a diferença, ou seja, extirpar-lhe a alteridade que o constitui como Outro, assimilando-o e reduzindo-o à imagem e semelhança do Mesmo. Os colonizadores europeus, menos tolerantes que os impérios romano e mulçumano, tenderam a homogeneizar as populações que dominavam. No mundo ibérico, os judeus foram obrigados a tornar-se “cristãos novos” para salvarem a vida ou o patrimônio. E ainda há uma forma mais sutil e oportunista de lidar com o Outro: conservar-lhe a alteridade, mas, então, fazendo dela pretexto para oprimi-lo. A diferença torna-se título que legitima a dominação e exploração, já que demonstra uma degradação da condição humana; por isso, merece um estatuto de inferioridade e de discriminação (MENESES, 2010, p.13).

A rejeição desse *Outro*, definido por Meneses (2010), nem sempre é sobre seu extermínio, mas sobre tirar-lhe sua identidade, sua subjetividade e tudo aquilo que o faz ser esse *Outro*, ou seja, são as recorrentes tentativas de branqueamento (DOMINGUES, 2019, SI), por exemplo, que não se limita à pele, mas diz respeito à negação cultural, identitária, dos costumes, das origens. “No entanto, a miscigenação em outra perspectiva, tinha um sentido positivo inegável: promoveria a 'limpeza étnica' da população, pois teria como desfecho – após algumas gerações – o branqueamento” (DOMINGUES, 2019, SI). Refletimos sobre tal questão pois, o “branqueamento racial” não se limita à pele, mas diz respeito ao distanciamento identitário, cultural, ancestral, relegando os sujeitos negros a uma profunda alienação pois, em suma, cria-se a ilusão de uma possível aceitação e/ou inclusão social que não acontece de fato.

Além disso, a falta de uma representatividade positiva, de legitimação intelectual, afetiva, cultural e humana, ainda exclui mulheres e homens negros desse grupo hegemônico. Partimos dessa reflexão de modo a localizarmos a escrita de autoria negra como um resgate: da ancestralidade, de um (re)conhecimento de si, do outro, de um pertencimento étnico-racial, além da própria compreensão dessas

bases e amarras raciais, da alienação, dos preconceitos. Essas narrativas, que estão presentes em *Mulher Mat(r)iz* (2011) e em uma pluralidade de escritos, não somente desfazem e desconstroem imaginários, mas os reconstroem, positivamente, (re)fazendo as representações, promovendo protagonismos, humanizando, forjando (novos) espaços de fala e escuta, ultrapassando demarcações e limites historicamente impostos.

A proposta de transgressão, que se efetiva também em textos da chamada literatura afro-brasileira, não pretende iluminar os lugares já indicados pela própria sociedade. Procura ultrapassar mesmo algumas posturas que, embora mais críticas, ainda se ligam à visão do negro “tutelado”, pois, ao falar por ele, silenciam a sua voz e imobilizam reações concretas para desarticular os papéis estabelecidos pela sociedade (FONSECA, 2006, p. 95).

Assim sendo, Miriam Alves, assumindo uma poética marcada por ritmos, consciência e uma pluralidade de subjetividades étnico-raciais – que perpassam sonhos, afetividades, transgressões, ocupações e intelectualidade –, (re)aloca os corpos negros para além da marginalização e estereotipização, humanizando-os, dando-lhes protagonismo, promovendo uma escrita de consciência tanto racial quanto social, não distanciando esses sujeitos das realidades impostas por uma sociedade estruturalmente racista: as violências, opressões, silenciamentos, limitações. Ao longo de toda contística alveana experienciamos o rompimento com muitos códigos, estereótipos e, até mesmo, com a pretensa ideia de que o sofrimento, a pobreza e as mazelas sociais, são as únicas temáticas possíveis para os negros, fazendo-o por meio de personagens empoderadas, profundamente ativas e afetivas, sexuais, que desejam, que sonham.

A autora não se furta de pensar os estereótipos recorrentemente reproduzidos na literatura, ao contrário, ela os assume, contestando seus significados, desconstruindo-os, apresentando novas possibilidades, novas leituras, novos contextos. Em *Brincadeira*, por exemplo, experienciamos a imagem desconstruída do menino-negro-pobre – literária e socialmente representado a marginalidade, o “de menor” (ALTOÉ, 2009), a figuração da criminalidade –, “Zinho”, filho de “Dona Josefa” e de “Seu Raimundo”, é uma criança que tem laços familiares, tem sonhos, tem educação, que é estudioso e que vê na educação, nos estudos, uma possibilidade de ascensão social.

Para além dessas (novas) possibilidades de representação, Miriam Alves adota uma postura assertiva ao, não somente, rerepresentar as imagens forjadas sobre os negros, mas desconstruí-las, trazendo para o solo literário o corpo negro intelectual, afetivo, ativo, humano. Temos, por fim, uma voz negra, social, consciente e militante que emite, não somente, discursos e atitudes de sujeitos historicamente preteridos, mas (re)cria o panorama da representatividade literária.

uma leitura sobre a violência e o racismo no conto *brincadeira*

Inúmeras questões que, ainda na contemporaneidade, marcam os corpos negros negativamente – tais como os estereótipos, a marginalização, o silenciamento, as inferioridades afetivas, intelectuais, culturais, por exemplo – vão determinar a natureza transgressiva das narrativas alveanas que, em suma, extrapolam estereotipizações e silenciamentos, retirando esses sujeitos de representações que ora são vitimistas e/ou estereotipadas, ora são sexualizadas e animalizadas, trazendo para o primeiro plano personagens ativas, conscientes e humanizadas que, embora sofram e experienciem o racismo, as violências e os abandonos, são sujeitos sociais, afetivos, plurais.

Miriam Alves não enquadra as personagens no *ghetto* da comiserção ou da denúncia. A autora desenvolve suas tramas incluindo, sobretudo, elementos que têm a ver com o ser humano no seu todo e na sua diversidade, tematizando questões que afetam o indivíduo como pessoa, sem ter diretamente a ver com o exclusivamente negro: o lugar da mulher, envolvendo a liberdade pessoal em escolher o próprio parceiro ou parceira; o amor e o ciúme, o erótico e a ternura, a traição, a fastio existencial, a amizade, a brutalidade são assuntos que desempenham um papel tão importante como o compromisso ideológico de denunciar a discriminação das diferenças, sejam elas a pobreza, o fato de ser mulher ou as preferências sexuais (AUGEL, 2011, p. 14).

Na obra *Mulher Mat(r)iz* (2011), um compilado de contos escritos por Miriam Alves ao longo de vinte e três anos, não vislumbramos personagens infelizes e miseráveis, ao contrário, “a miséria, a pobreza e a indignação em meio às quais milhões de brasileiros vivem e, dentre eles, uma grande maioria negra –, não fazem parte do elenco de temas em **Mulher mat(r)iz**” (ALVES, 2011, p. 14; grifo da autora). Entretanto, experienciamos narrativas que são atravessadas por questões sociais que dizem respeito às categorias de gênero, de raça e de classe, incentivando-nos, inclusive, a refutar os estereótipos forjados socialmente, imagens essas que foram se naturalizando de modo a manter mulheres e homens negros nas margens sociais, em subempregos, no silenciamento.

Assim, existe um compromisso ideológico e de militância nos escritos de autoria negra, que clamam por espaços, por legitimação e pela escuta que, de modo geral, são negados aos negros pela sociedade envolvente. Tratam-se de narrativas que nos conduzem a imergir e refletir sobre a memória coletiva de sujeitos muitas vezes ignorados, silenciados, posicionando-se a contrapelo da memória oficial que, insistentemente, representa o negro como inferior, como passivo, como vitimista, como ignorante sem, entretanto, questionar ou provocar o questionamento acerca das injustiças e atrocidades as quais esses sujeitos foram e ainda estão condicionados.

Em *Brincadeira*, décimo primeiro e último conto que compõe *Mulher Mat(r)iz* (2011), Miriam Alves nos revela, na única narrativa protagonizada pelo gênero masculino, alguns contornos da violência que é projetada sobre uma personagem chamada “João”. Experienciamos, nas duas páginas dessa breve escrita, a única narrativa onde a questão de classe é refletida diretamente, por meio do estereótipo do “negro-pobre”, porém, o quadro social não aparece como condição única e definitiva para esse sujeito, mas é representado enquanto críticas sociais acerca do abandono governamental que provoca, comumente, a evasão escolar, as tantas opressões e violências, além da marginalização e da criminalização da juventude negra.

Na única história que trata da pobreza (*Brincadeira*), as dificuldades financeiras do menino Zinho, apelidado de “Mussum”, e que, naquele ano, pela primeira vez tinha tido seu material escolar próprio, as referências à pobreza não são um fim em si; servem para enquadrar a violência e a discriminação de que a criança naquela situação era vítima (ALVES, 2011, p. 15).

Pela primeira vez “Zinho”, personagem principal da narrativa, teria materiais novos, como os demais colegas, não precisaria, como era de costume, aguardar por mais de um mês “o fornecimento de alguns cadernos feios e livros usados, retirados da caixa escolar. Naquele ano, não!” (ALVES, 2011, p. 86). Aquele ano seria diferente pois, ao que parece, ele se sentiria como um igual, como os demais alunos, tendo material escolar próprio e novo “Tudo novinho e limpo. Lindo” (ALVES, 2011, p. 86). Deparamo-nos com a primeira forma de violência que se manifesta no conto: uma criança sentir-se diferente, excluída e desigual porque não tem, e não pode ter, bons materiais escolares. Embora não seja dito explicitamente no texto, é consabido que essa diferenciação – embora pareça banal e diminuta –, dentro da sala de aula, promove discriminação, incentiva e provoca exclusões: “Sorria intimamente. Naquele ano, ele não seria diferente” (ALVES, 2011, p. 86).

Assim sendo, somos conduzidos a refletir sobre a pluralidade das faces da violência que, contradizendo o imaginário social, não se limita ao físico, mas atravessa os corpos de uma forma sistêmica, havendo uma naturalização ao ponto de se tornarem imperceptíveis – ou facilmente ignoráveis e lidas como “brincadeiras”: “Ei, Mussum, tá feliz hoje? Zinho gostava do Mussum, mas não queria ser chamado assim”. (ALVES, 2011, p. 87). No cotidiano da sociedade brasileira estão normalizadas/naturalizadas falas, atitudes e palavras nitidamente preconceituosas e racistas. Embora saibamos que o “Mussum” seja uma personalidade humorística consagrada, nesse contexto, não se trata de um elogio, nem tão pouco uma associação positiva, ao contrário, é uma fala de cunho racista e depreciativo. Essa “piada” não exprime uma mera brincadeira inocente, ao contrário, é uma manifestação de preconceito racial transvestido e amenizado enquanto “brincadeira”. Porém, esse “brincar”, que provoca o riso para o agressor e o constrangimento ao alvo, dissimula, descontrai e silencia os conflitos e o mal-estar entre os sujeitos.

Desse modo, faz-se perceptível que o preconceito não se limita às agressões físicas nem tão pouco ao racismo escancarado, nítido, mas se manifesta, por exemplo, na condição de submissão e inferioridade absolutamente arbitrária imposta aos negros. Essa narrativa de Miriam Alves, que nos apresenta um quadro cotidiano, comum, de relações e atitudes depreciativas entre crianças/adolescentes que, no senso comum, são realmente tratadas como “brincadeira”, como “piadas”, conduz-nos refletir sobre o limite entre o francamente ofensivo e o meramente jocoso pois se trata, em suma, de um vasto campo de interpretações subjetivas.

Brincadeira, palavra que nomeia o conto, é detentora de várias significações: da ação de brincar, entreter, distrair, ao comportamento de “zombar”, “fazer graça”. Uma mesma expressão proferida por um sujeito em determinada situação pode ganhar um significado inverso quando dito por outra pessoa, em outro contexto. Nesse conto, somos provocados a refletir sobre uma realidade histórica pouco questionada, sobre as recorrentes justificativas a flagrantes casos de discriminação de gênero, de raça e classe, enquanto alegações do “senso comum”: “é só uma piada”. Para o sujeito negro isso é um condicionamento imposto pelo branco, de aceitar o preconceito e sujeitar-se a ele já que, do contrário, ele se tornaria a representação do selvagem, do violento: “O que é Mussum, ficou nervosinho?”. ‘Não quer um ‘mézinho’ para refrescar?’” (ALVES, 2011, p. 87).

Tanto a palavra quanto a ação trazem, intrinsecamente, cargas ideológicas que não podem ser ignoradas. O negro, ao longo da história, é representado como um elemento selvagem, animalizado, sujeito que se enfurece repentinamente e, além disso, é destituído de um nome, de uma origem, promovendo uma descaracterização, uma negação de sua identidade e, conseqüentemente, de sua humanidade. Ainda, as representações arraigadas e tradicionalmente veiculadas explicitam as expectativas da sociedade sobre esse indivíduo: paralelamente ao “negro passivo/vítima” – como é retratado por Castro Alves em *O navio negreiro* (1869), por exemplo, representando a submissão servil e conivente –, temos o homem negro vadio e perigoso, que deve ser temido porque é violento – representado, por exemplo, por “Firmo”, na obra *O Cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo –, ou seja, ao passo que se criou e se enraizou o imaginário do negro passivo, servil e fiel aos seus senhores, compartilhou-se e naturalizou-se a ideia do negro animalesco, violento e perigoso, definindo a negritude a partir desses dois locais: da violência ou da passividade.

A autora, na contramão dessas representações negativas, não define a personagem como passiva nem conivente, nem tão pouco ficcionaliza a violência como intrínseca ou essencial do sujeito, mas como uma consequência: “Zinho resolveu ignorar e seguir em frente. Não queria se atrasar para a aula. Os maiores cercaram-lhe o caminho, derrubando-o” (ALVES, 2011, p. 87). Além disso, promove-se a caracterização e humanização da figura principal, que tem um nome, uma identidade: “Meu nome é João” (ALVES, 2011, p. 87) e tem uma família, uma origem e laços afetivos: “Zinho (diminutivo do diminutivo que o carinho de Dona Josefa inventara) (...)”. Seu Raimundo havia tido a preocupação: comprou tudo no crediário, pagaria juros, mas o importante era o ensino dos filhos” (ALVES, 2011, p. 86). Embora se aproprie de um estigma social, recorrentemente ficcionalizado, o da pobreza, Alves o faz por meio da afetividade familiar, da identidade, da

humanidade e da expectativa de ascensão social desse garoto: “sonho de colegial [...] Rosto espelhando confiança e felicidade” (ALVES, 2011, p. 86). A pobreza não define o destino desse jovem, ao contrário, motiva-o a estudar e melhorar sua vida e a de seus familiares.

Cabe destacar, ainda, o modo como a trajetória de “Zinho” não se limita a esse caminhar de casa até a escola, nem tão pouco a violência, mas revela um autorreconhecimento, uma autoafirmação enquanto sujeito racional, enquanto humano. A personagem representa a tomada de consciência do negro enquanto figura social, política, cultural e, principalmente, promove a negação da inferioridade imposta. Ao reivindicar sua identidade, ele se manifesta e se impõe como um indivíduo, humano, social, que tem voz: “Zinho gostava do Mussum, mas não queria ser chamado assim. Zangou-se: ‘Meu nome é João’” (ALVES, 2011, p. 87), tratando-se de uma reivindicação do seu direito quanto a sua identidade e dignidade que, para o negro, não é tida como essencial, intrínseca, mas vem por meio de lutas, do apelo.

Quando “Zinho resolveu ignorar e seguir em frente” (ALVES, 2011, p. 87), temos novamente essa tomada de posse de seu direito à liberdade de ignorar, de seguir em frente, de não reproduzir a violência esperada. Porém, os maiores insistem, “cercaram-lhe o caminho, derrubando-o” (ALVES, 2011, p. 87), porque a apatia não é a resposta que os brancos esperam, nem tão pouco a racionalidade, desejando presenciar a irracionalidade da fúria e/ou talvez, o medo e o choro. Assistimos, nesse contexto, a prática da visão de mundo construída pelo europeu, onde o negro é lido meramente como um corpo irracional envolto por emoções e atitudes irracionais.

Entretanto, mesmo que Zinho tenha respondido a violência com violência, o narrador, novamente, conta-nos a cena como uma desconstrução do estereótipo da violência, da irracionalidade. Embora tenha se esquivado, tentado seguir em frente, seus sonhos, seus materiais novos, sua esperança de colegial, foram-lhes violentamente arrancados “Livros e cadernos espalhados no chão da rua enlameada. O esforço do seu Raimundo coberto de lama vermelha” (ALVES, 2011, p. 87), ou seja, toda fúria que toma conta da criança não é irracional, nem tão pouco neutra ou descaracterizada, ao contrário, é racional e carregada de ancestralidade, de elos, de motivações, força oriunda de Ogum, “Uma força ancestral cortou-lhe por dentro. Trazia consigo a força de Ogum” (ALVES, 2011, p. 87).

Mesmo experienciando a crueldade do preconceito racial e suas consequências, o garoto não está só, nem tão pouco distanciado de suas origens, de crenças, de seus protetores. A autora ousa afrontar os estereótipos ao desconstruí-los, não representando a violência cega atribuída ao negro como escolha essencial, mas como resposta racional, como defesa, retirando-o da passividade, da submissão, do silêncio, da humilhação: “Atingiu um deles na perna, derrubando-o. Continuou fazendo justiça. Empunhava a lei. Batia. Batia. Batia, ignorando os gritos vindos do chão” (ALVES, 2011, p. 87).

Ao tomarmos o racismo enquanto ideologia – uma estrutura organizada por meio de características biológicas e culturais principalmente, que existe e transita pelos ambientes de forma velada e naturalizada – reconhecemos, na tessitura alveana, uma reflexão social sobre a necessidade da desnaturalização dos

estereótipos e preconceitos historicamente enraizados no imaginário social brasileiro, principalmente do “riso maldoso”, dos termos pejorativos lidos como “piadas” que, nessa narrativa, exterioriza as relações de dominação, passividade e resistência, de aceitação e denúncia. No fragmento “Ei, menino, é brincadeira” (ALVES, 2011, p. 87), Alves explora as consequências decorrentes dessa “piada”, explorando os preconceitos e dando visibilidade aos aspectos negativos dessa prática já que, o preconceito racial não é, nem pode ser lido, como “brincadeira”. O que se assiste, ainda, é a recorrente tentativa de desumanizar os sujeitos negros, fato esse que, segundo Sartre (1968), ocorre desde os primórdios, intencionando justificar a violência colonial, as opressões, a própria escravização.

Nesse viés, embora o conto represente uma cena cotidiana, comum, que poderia ser assistida no dia a dia, sem muitos alardes, faz-se importante refletir sobre as inúmeras tentativas de descaracterizar esse garoto, pelo “apelido” que lhe desagrada, pelo nome negado, pela liberdade de seguir que lhe foi negada. O que se assiste não é somente a destruição de seus materiais, de seus sonhos, mas de seus princípios identitários, morais, éticos. O que os garotos maiores tentam, e por fim conseguem, é desestabilizar o garoto menor, fazendo-o usar da violência, violência essa justificada pois é uma resposta, uma consequência. Essa “piada”, como reitera Sartre no prefácio de *Os condenados da terra* (1968), de Frantz Fanon, desintegra a personalidade de “Joãozinho” que é chamado, pejorativamente, de “Mussum” e mesmo após zangar-se dizendo “Meu nome é João”, mesmo após pedir para ser chamado pelo nome, isso também lhe foi negado. Segundo Fanon (1980) existe uma “lógica” nas práticas opressivas, principalmente nas racistas, que possibilitam a naturalização de imaginários tais como a inferioridade e a desumanidade negra.

Não é possível subjugar homens sem logicamente os inferiorizar de um lado a outro. E o racismo não é mais do que a explicação emocional, afectiva, algumas vezes intelectual, desta inferiorização. Numa cultura com racismo, o racista é, pois, normal. A adequação das relações económicas e da ideologia é, nele, perfeita [...]. De facto, o racismo obedece a uma lógica sem falhas. Um país que vive, que tira a sua substância, da exploração de povos diferentes inferioriza estes povos. O racismo aplicado a estes povos é normal (FANON, 1980, pp. 44-45).

A exteriorização de expressões de forma pejorativa está enraizada e naturalizada no imaginário social, ao ponto de não haver necessidade de atribuir o epíteto de racista a seus emissores. Isso ocorre porque, de modo geral, a identidade racial branca é um lugar de privilégios, de resguardo, de superioridade.

A branquitude é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, objetivo, isto é, materiais palpáveis que colaboram para construção social e reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e racismo. Uma pesquisadora proeminente desse tema Ruth Frankenberg define: a branquitude como um lugar estrutural de onde o sujeito branco vê os outros,

e a si mesmo, uma posição de poder, um lugar confortável do qual se pode atribuir ao outro aquilo que não se atribui a si mesmo (FRANKENBERG, 1999, p. 70-101, PIZA, 2002, pp. 59-90).

Ser branco, nesse viés, é estar inserido em um padrão normativo único: de ser humano “ideal”. Esse idealismo não se restringe ao estético, à padronização e à manutenção da “homogeneidade social”, mas conduz às questões referentes ao conflito racial brasileiro. Nessa perspectiva, a complexa tarefa que Miriam Alves toma para si é de desvelar a disseminação do racismo velado já que o branco, publicamente, “desaprova” toda e qualquer forma de preconceito, negando, inclusive, a existência dele. Além disso, ao evocar reflexões sobre as várias faces das violências, sejam elas físicas ou simbólicas, Alves nos faz observar que existe um Brasil sobre o qual não se conversa: um país estruturado sobre os pilares do preconceito racial, do machismo, da misoginia, da discriminação dos corpos negros que são marginalizados.

Embora o desfecho do conto seja trágico: “abobalhados, recolheram o companheiro morto e desfigurado. Murmuravam aparvalhados, insanos: ‘Brincadeira. Foi brincadeira’” (ALVES, 2011, p. 87), ele promove a desconstrução de outro estereótipo: da passividade, da subordinação, da convivência. Ao reagir, ainda que de forma extrema, “Zinho” se desloca, retirando-se do silenciamento, extrapolando a ideia de aceitação: não é cabível esperar neutralidade do negro diante da exploração, da opressão, da violência, não mais. “Ogun” lava com violência e sangue o racismo, dando forças e proteção à Zinho que “adquiriu a velocidade de uma pantera em fúria” (ALVES, 2011, p. 87), embrenhando-se em caminhos para além do silêncio e do medo.

considerações finais

A escrita ou a fala, segundo Augel (2015), podem alienar ou emancipar, sendo toda a trajetória literária de Miriam Alves sobre emancipações: dos corpos, das intelectualidades, das afetividades e da própria humanidade dos negros. A contística alveana não se limita ao protagonismo negro, nem tão pouco a ocupação de espaços outrora negados, mas diz respeito, também, ao refletir, ao criticar e ao desconstruir os estereótipos, os estigmas e as imagens negativas que foram forjadas e naturalizadas no imaginário social. Por meio de uma tessitura de (des)construções, de emancipações e humanizações, essa mulher, negra, prosadora, contista, romancista, assistente social e militante, é a fala de seu lugar.

Por meio de uma autoria de nítida consciência social e de militância, Alves aborda as trajetórias, as afetividades e as possibilidades para os sujeitos negros na literatura, extrapolando os limites da tradicional representação negativa acerca dos corpos negros. Assim sendo, refletimos, no presente estudo, sobre o modo como a autora (re)cria os terrenos literários, bem como a imagem sobre mulheres e homens negros, de forma positiva, humanizada sem, entretanto, desvencilhar-se das

necessárias críticas sociais, tais como o racismo, o preterimento, a marginalização, dentre outros.

No conto *Brincadeira*, único conto protagonizado por uma personagem masculina – o menino “Zinho” – a autora nos revela algumas faces do racismo estrutural e velado que atinge, direta e fortemente, esse sujeito. “Zezinho” é uma reapresentação do estereótipo do “de menor” (ALTOÉ, 2009) – da criança negra marginalizada, abandona, lida como potencialmente criminoso pela sociedade –, sendo representado por meio da família, dos sonhos, da educação. A pobreza não é sua possibilidade única, ao contrário, é sua motivação para estudar, mudar, melhorar, além disso, o quadro social não é representado como condição, mas como consequência do abandono governamental, da marginalização e descaso para com os corpos negros.

Além disso, experienciamos a desconstrução do estereótipo do negro violento e perigoso, imagem historicamente forjada de modo a naturalizar a ideia da selvageria, da irracionalidade e do perigo como características essenciais e intrínsecas desses sujeitos, por meio da figura dessa criança que, ao ser barrada no caminho para a escola por garotos maiores, só quis ignorar as ofensas e seguir em frente. “Zinho” é uma representação da racionalidade, do autoconhecimento enquanto sujeito social, reivindicando inclusive, por esse direito, de ser chamado pelo nome e de poder seguir seu caminho. Ambos lhe foram negados e a violência, a resposta, é igualmente racional: “Joãozinho” violenta aqueles que lhe negam seus direitos, extrapolando os limites da passividade e convivência, mostrando-se como sujeito ativo, insatisfeito. Experienciamos, no conto, dentre tantas outras possíveis leituras, a existência de diversas mat(r)izes representacionais para os sujeitos negros, para além dos estereótipos e estigmas sociais.

referências bibliográficas

ALTOÉ, S. *De "menor" a presidiário: a trajetória inevitável?* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2009.

ALVES, Castro. *O Navio Negreiro* (1869). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2021.

ALVES, Miriam. *Mulher Mat(r)iz*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

ALVES, Miriam. Brincadeira. In: *Mulher Mat(r)iz*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

AUGEL, Moema Parente. In: *Mulher Matriz*. Belo Horizonte: Nandyala. Coleção Vozes da Diáspora Negra – v. 5. 2011.

AUGEL, Moema Parente. *Estética da Libertação no contexto da literatura negra brasileira*. Lívia Natália, Guellwaar Adún, Eduardo Oliveira e Miriam Alves. III Congresso Brasileiro de Filosofia da Libertação. 2015

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre a Negritude*. Carlos Moore (Org.). Belo Horizonte: Nandyala, 2010. (Coleção Vozes da Diáspora Negra, Volume 3). 120p.

DOMINGUES, Petrônio José. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Editora Senac, 2019.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Trad. de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Poesia afro-brasileira – vertentes e feições*. In: SOUZA, Florentina Souza, LIMA, Maria Nazaré (orgs.). *Literatura afro-brasileira*. Fundação Palmares e Centro de Estudos Afro-orientais (CEAO), 2006.

FRANKENBERG, R. *Race, sex and Intimacy I: Mapping a discourse*. Minneapolis: University of Minnesota, 1999.

MACEDO, Joaquim Manuel. O cego. In: *Theatro*. Paris: Imp. de Simon Raçon e Comp., p. 151-225, 1863.

MENESES, Paulo. *Etnocentrismo e relativismo cultural*. Síntese: Revista de Filosofia, v. 27, n. 88, 2010.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. *Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2019.

MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; CARDOSO, Lourenço. *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2018.

PIZA, E. Porta de vidro: entrada para branquitude. In: CARONE, I. & BENTO, M. A. da S. (orgs.) *Psicologia Social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*, (pp. 59-90). 2002. Petrópolis: Editora Vozes.

SALES, Cristian S. *Expressões do Erotismo e Sexualidade na Poesia Feminina Afrobrasileira Contemporânea*. Revista *Ártemis*, v. 14, n. 1, 2012.

SANTOS, João Felício dos. *João Abade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.